

**A MEDIAÇÃO DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA
NOS ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA FREI
HERCULANO**

Maria do Socorro Ramos de Oliveira¹

Universidade Estadual da Paraíba

airamos@msn.com

Maria José da Silva²

Universidade Estadual da Paraíba

maryjose1963@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escola possui uma importância fundamental na educação devido ao caráter formador. É por meio dessa instituição que temos conhecimento do mundo e adquirimos o meio de vê-lo e nos posicionar na sociedade. Mediante a escolarização, obtivemos o controle dos alunos e das diversidades que permeiam a vida cotidiana. A partir dela, adquirimos uma versão da história dos povos e do conhecimento de nosso passado. Portanto, a escola forma além de tudo, identidades.

2. O PAPEL DA ESCOLA

A transmissão de conhecimento começou entre os grupos elitizados da sociedade para formar líderes. A figura do pedagogo era fundamental num período da infância da criança, surgindo na adolescência à figura do mestre. Entretanto, a escola tal como a conhecemos, surgiu ainda com esse papel, de formar a elite da sociedade. A princípio, apenas quem era nobre poderia colocar seus filhos para estudar nas poucas escolas dominadas pela igreja que foram aparecendo. Após alguns anos, esse acesso foi

permitido para os burgueses, que podiam não possuir algumas vezes títulos de nobreza, mas possuíam bens.

No século XIX, a escola passou a introduzir as massas populares e os estudos e críticas educacionais voltadas para a qualidade da educação, concentram-se em que corresponde a esse período a perda de qualidade da mesma. O número de alunos por sala de aula teve um salto enorme, impossibilitando o professor de coordenar adequadamente suas aulas. Ao passar do tempo, as teorias educacionais começaram a discutir metodologias de ensino-aprendizagem para possibilitar maior aprendizagem aos alunos. Entretanto, após o acesso da massa popular na escola, movida em parte pela demanda de necessidade de mão-de-obra para as indústrias e fábricas que surgiam nas cidades. Devido a isso, começou a preocupação com o currículo, com a formação desses futuros cidadãos e do que queriam que fossem além de cidadãos.

O currículo passou a ser pensando enquanto selecionador das necessidades sociais e seus conteúdos deveriam passar por escolhas mediante o objetivo do tipo de cidadão e estudante que se pretendia formar. O que ensinar? Para quem ensinar? Como ensinar? Questões como essa continuam a perfazer a mente de educadores e pensadores na educação devido ao peso que possuem na formação do indivíduo. O currículo e a escola devolvem o que produz a sociedade, recriam, modelam, institucionalizam e naturalizam idéias, pensamentos e imagens.

Entendemos, portanto, o currículo como parte oficial da escola, molde de formação da sociedade e caminho certo de quem pretende alcançar meios legais de sucesso na vida profissional. Por outro lado, é o meio mais eficaz de desigualdade de conhecimento e o primeiro meio de desigualdade social. Por isso, *“As teorias da reprodução social, por exemplo, os mostraram como a distribuição desigual de conhecimento, através do currículo e da escola, constituem mecanismos centrais do processo de produção e reprodução de desigualdade social”* Silva (2002, p. 190). É interessante saber que a escola é realmente o espelho da sociedade nesse sentido.

Entretanto, visando acabar com a exclusão causada e ampliada pela escola e pelo currículo, o ministério da educação procura através de planos como os PCNs e as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio atender as questões da diversidade e da

cultura. A novidade consta apenas em sua existência escrita, pois o cuidado com esses termos deve ser grande nesses meios oficiais, que tentam falar de forma a homogeneizar o diferente, a diversidade, negando não somente sua existência, mas uniformizando-a na escola para que esta desapareça ou passe despercebida. Por isso Macedo (2007, p. 14) destaca bem a realidade da escola e sua função quando diz: *“Um currículo em atos é, também, uma prática identitária e, como tal, encontra nas mais diferenciadas atitudes de afirmação identitária os substratos da experiência vivida como alimento para o exercício do pensamento”*.

Essa prática de singularizar ou ocultar a diversidade com o uso de uniformes, com projetos que unificam as culturas, prevalecendo à dominante vem de pensamento criado e mantido pelo ocidente como evidencia Santos (1999) em seu texto *“O fim das descobertas imperiais”*, onde negam a existência da diversidade, impondo o conceito de diferença como desigualdade pelo modo dominante de criar o Outro como inferior e legitimando seu papel de inferior. A diferença é vista de forma pejorativa como negação do outro.

Sabemos que nosso país é rico em diversidade étnicas e culturais e o exemplo mais concreto e simples disso é o cotidiano, de onde podemos observar uma riqueza de aprendizagens culturais. O problema encontrado e que verificamos, é o fato de que essas diversidades vão para a escola, que não sabendo lidar com essas diferenças, procuram tratá-las como uniformes. Afinal, a escola e o currículo são processos sociais e são produzidos socialmente, por isso a tentativa de homogeneização em massa com a idéia de que *“O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós”*. (SILVA, 2002, p. 194), ou seja, o resultado final seria a formação através da prática, de uma cultura única.

Mediante essa constatação formadora e perigosa do currículo, temos em Valdemir a crítica desde 1940 da ausência de ensino de história sobre a história africana, mesmo possuindo um percentual de negros e descendentes no país bastante considerável. Ou o que é mais preocupante, termos conhecimento que muitos negros e afro-descendentes negam sua cor, sua origem e os motivos dessa vergonha ou medo já

conhecemos desde o primeiro ponto. Foram cinco séculos de racismos, preconceitos e discriminações de diversos tipos e maneiras apenas contanto com o Brasil.

Para procurar modificar essa realidade foi implantada a Lei 10.634/03 que obriga a ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, nos currículos. Entretanto, não bastavam apenas os conteúdos, a forma como seriam transmitidos era muito importante, essa questão remete a outra de capacitação continuada de professores e nesse sentido, temos como exemplo uma aula de pós-graduação feita por Monica Dias de Souza a professores do ensino básico sobre a família escrava, onde uma colega comprovou que alguns escravos conseguiam permissão de seus senhores para morar com suas companheiras afastados dos demais, quando uma colega soltou o seguinte comentário: “*daqui a pouco vão dizer que não era tão ruim ser escravo*”. É apenas uma demonstração de que nossas escolas escolhem perfis para reproduzirem e o escolhido foi o de quilombo enquanto resistência, luta, isso quando não escolhem a visão paternalista de Freyre, de negros passivos ante ao processo de escravidão.

É preciso termos cuidado. “*Normalmente, a escola constrói e modela pensamentos, em conformidade com opções políticos e pedagógicas, assumindo o papel de agente formador, transformador ou conservador*”. (Souza, 20007, p. 31). E por isso ampliar o significado do “ser negro” para além das dicotomias existentes do negro guerreiro ou passivo. “*O símbolo é matéria de fácil assimilação e compreensão, capaz de traduzir histórias e valores e penetrar com rapidez no imaginário social especialmente naqueles que estão engajados na disseminação de novos sentidos*”. (Souza, 20007, p. 31).

Apesar disso, verifica-se a tentativa de reconstrução por parte dos excluídos de sua auto-afirmação por meio alternativos demonstrando a existência forte da diversidade. Enquanto mulheres tentam aprender a ler a forma culta e assim conhecer a língua dominante para conseguir assegurar sua melhoria de vida, os homens procuram através de a música mostrar a sua identidade cultural. Como bem salienta Santos: “*Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza*”. (1999, p. 62)

Vemos mais uma vez a importância da figura do professor no processo de educação, tornando possível novas abordagens e modos de fazer quando “*a oficialidade dos procedimentos nos cotidianos escolares é, portanto, uma ilusão criada pelas estratégias do poder instituído, que se desfaz, cotidianamente, nas táticas individuais e coletivas de praticar educação*” (OLIVEIRA & SGARB, 2002, P. 9).

3. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO

A construção da imagem do negro começou a partir do contato dos europeus com o continente africano, numa época de exploração, aproveitamento das rotas de comércio, e de conhecimento do lugar, metalúrgicos e de navegação que os africanos possuíam e que se tornaram maiores com a presença árabe. A negatividade e inferioridade de sua representação ganharam credibilidade com as teorias vigentes na época de racionalização científica, iluminista, onde Buffon, Voltaire, Diderot e Kant são bons representantes.

Buffon, por exemplo, ilustrado monogenista, defensor de uma origem comum para a humanidade, explicava a inferioridade dos negros africanos utilizando-se da teoria do clima. Segundo ele, vivendo entre os trópicos, num clima inóspito com temperatura excessivamente quente, os negros não encontraram condições ideais para o desenvolvimento corporal, moral, intelectual e estético tal como o fizeram os povos europeus, situados num clima temperado. Desta forma, os negros e os seus descendentes mestiços seriam anormais e degenerados. Voltaire, ao contrário, era um poligenista e, portanto, defensor da diversidade das origens dos homens. Por isso, alegava que a inferioridade do negro decorria de sua espécie originária, já que havia uma estrutura interna peculiar a cada raça. Sua crença em origens diferentes e em espécies fixas o conduziu a considerar a mestiçagem como uma anomalia lamentável e acidental, sendo os mestiços frutos de uma relação sexual contra a natureza.

(SANTOS, p. 10)

No decorrer dos séculos XVI ao XIX, outras teorias foram surgindo e o contato com a África modificado com essa visão inferiorizada do negro africano, a escravidão européia já estava sendo realizada e os discursos que os estudiosos e pesquisadores da época faziam eram apenas reafirmar os conceitos pejorativos e negativos que o negro já

vinha recebendo desde o começo do século XVI para haver maior justificativa e legitimidade na sua exploração, dominação, e mais tarde escravidão.

Uma das teorias que adquiriu grande repercussão foi a evolucionista proposta por Darwin em 1859, estabelecendo um novo conceito, modelo e a eleição da raça do mais forte. A partir da derivação da teoria darwinista para o setor social surgiria a Antropologia, que estudaria as civilizações de modo comparativo, tendo as cidades européias sempre no patamar mais alto enquanto as demais são vistas como primitivos, os etnólogos sociais tudo classificam. E onde o ocidente passou a ser visto como o superior diante das outras regiões e civilizações. Pensamento esse que ainda permeia por muitas cabeças e ainda definem muitos currículos e livros didáticos.

A partir do evolucionismo, o filósofo Fridrich Hegel também contribuiu para a imagem negativa do negro e da África em si.

Na *Filosofia da história univereal*, a historicidade da África, tal como é considerada por Hegel, decorre, em particular, de duas razões interdependentes. A primeira, pelo fato de a história ser entendida como própria de um Velho Mundo que excluía a África subsaariana e a segunda por conceber o africano como sem autonomia para construir a sua própria história.

Quanto à primeira razão, cabe explicar que a história se restringia aos espaços geográficos que tinham como elemento de união o mar Mediterrâneo, promotor da civilização. Estavam ligados a esse “coração do mundo antigo” o sul da Europa, o sudoeste da Ásia, a África setentrional (Marrocos, Fez, Argel, Túnis, Trípoli) e o Egito. Em síntese, o “mar Mediterrâneo é o elemento de união destas três partes do mundo, e isso o converte no centro de toda a história universal. [...] Assim, pois, o Mediterrâneo é o coração do mundo antigo, o que condiciona e o anima, o centro da história universal, porquanto essa se acha em si relacionada”.

(HERNANDEX, 2005, p.19)

Ver-se com esses exemplos que as teorias naturais e botânicas estavam adentrando nas ciências humanas, e o conceito para os negros estava biologicamente sendo traçado.

Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo *africano* ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações

negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo.
(HERNANDEZ, 2005, p.18)

No Brasil, apesar dos discursos de que não temos racismo essas teorias e visões deturpadas do negro chegaram ainda no final do século XIX, onde a teoria das raças estava em auge, mesmo que se compreendesse a questão de diferenças culturais para analisá-las, a cultura e a essência de cada civilização era ainda considerada tendo a europeia como a melhor. O sujeito também passou a ser analisado em coletividade, desconsiderando suas especificidades.

Nessa época, o Brasil passava por sua independência, por questões de criar nacionalidade, representação para o país e sua identidade. Nesse sentido, nossa democracia e estilo político vem de outros países que adquiriram independência mais cedo, como também nossos modelos educacionais. No caso, os Estados Unidos nos emprestaram seu modelo democrático, precisávamos desenvolver apenas o perfil dos cidadãos, que logo de início ficou claro que não seriam negros.

Algumas idéias surgiram advindas das teorias que chegavam. A evolucionista nos indicava a raça perfeita, o embranquecimento foi visto no caso brasileiro como uma solução para a negritude que se encontrava o país no momento. A questão da miscigenação brasileira, primeiramente assumida por Silvio Romero era vista de forma negativa e degeneração. Nina Rodrigues propunha várias idéias para combater essa realidade indesejável, uma delas era a separação dos negros e brancos a começar pelo direito; a outra ligada à criminalização, uma condição que a própria raça o obrigava a ser perverso; e por último a loucura.

Por outro lado, a escola de Medicina carioca deu aos mestiços, negros que faziam parte da grande população pobre os estereótipos de sujos, doentes e fracos, por isso veio a ideia de separá-los do restante da sociedade com a criação das favelas. Outra idéia surgida na época foi a eugenia para limpar as raças inferiores e deixar a raça mais forte, porém, essas idéias foram inutilizadas já em 1930 com políticas de identidade que vinham adquirindo força desde 1920 com a Semana de Arte Moderna e a questão de mestiçagem e a imagem do negro foi mais amenizada com a obra de Gilberto Freyre

Casa Grande e Senzala. Freyre inova o tratamento da cultura negra para o Brasil vista como contribuição e produz uma versão diferente de democracia racial, defendendo harmonia entre as raças formadoras do país, muito criticada mais tarde por outros pensadores.

Mas que graças a Freyre o preconceito racial passou a ser questionado e a sua democracia racial estudada para a melhoria da condição negra no país de onde a escola tem um papel fundamental e função essa que veremos a seguir.

A partir de 1960, na África aumentava o sentimento nacionalista e a preocupação com a identidade, necessária para desconstruir a idéia de homogeneidade do continente. Contribuição nesse sentido, deu o administrador colonial e historiador Maurice Delafosse descrevendo sobre o reino de Mali, através da leitura do árabe al-‘Mari. E em 1947 a Sociedade de Cultura Africana e sua Revista Presença Africana tentam elaborar uma história da África descolonizada.

Ainda no ano de 1970 começa junto com diversos movimentos sociais as ações mobilizadoras do Movimento Negro que com ajuda governamental com a instituição do Dia Nacional da Consciência Negra e a obrigatoriedade da Lei 10.634/03 para o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira há uma valorização do negro e movimento da Negritude onde buscam ma identidade, um ícone onde todos os afro-descendentes possam se identificar.

4. A PERCEÇÃO DA IDENTIDADE NOS ALUNOS

A partir do que já conhecemos sobre o papel da escola e a imagem do negro, nossa pesquisa foi direcionada para os alunos da Escola Frei Herculano no Município de Pontina da cidade de Ingá.

Como primeira atividade, procuramos conhecer e reconhecer a importância da escola nesse processo de formação de identidade através de leituras específicas. Em seguida, reconhecendo o professor como agente nesse processo, observamos as aulas dos professores de história durante os três bimestres. Verificamos, diante dos dois

professores da área de história metodologias diferentes, quando a tradicional e a construtivista. E também, percebemos a posição da direção sobre a sua preferência de metodologia. Outro passo foi em relação ao livro didático, a escola adotou a coleção Araribá da editora moderna de ano 2006. Nessa coleção há uma parte que trata da África enquanto constituída por reinos grandiosos como Mali, Gana, etc no livro da sexta série, equivalente ao sétimo ano atualmente; no livro referente ao oitavo ano, há uma parte referente à escravidão e no nono ano uma referente à abolição da escravatura. Verifica-se uma mudança na estrutura dos livros de alguns poucos anos anteriores, porém, com uma análise mais detalhada perceberíamos algumas falhas que podem ser sanadas com a prática docente, dependendo muito de como este foi formado e sob que visão desses assuntos.

Por fim, partimos para a aplicação do questionário, que foi respondido por vinte alunos, distribuídos em seis alunos do sétimo ano do ensino fundamental e catorze alunos do oitavo ano, dos quais obtivemos as seguintes conclusões: a maioria desses alunos não faz idéia dos termos e conceitos que divulgamos no questionário, como afro-descendente, quilombo ou mesmo conhece sua a história africana; apesar de viverem em um remanescente quilombola, não gostam de onde moram e não se identificam nem como negros, nem como quilombola; apesar da atenção dada atualmente a essas localidades, eles não vêem futuro nessas relações e nem possuem perspectivas de futuro por pertencerem ao lugar.

5. CONCLUSÕES

A escola realmente possui um peso enorme em questão de sentido e valor das imagens que transfere para os alunos. A medida que ela exclui ou silencia ou ainda mantém representações negativas do negro em sala de aula, maior é a falta de perspectiva de futuro que os alunos possuem ao se perceberem como pertencentes aquele estereótipo. A forma construtivista da busca do conhecimento é a mais adequada para que o aluno seja autor de seu saber, porém, recebe obstáculos na própria instituição

de se praticar. Devido a falta de conhecimento e principalmente a forma como são transmitidos a informação sobre seus ascendentes, esses alunos ao capacidades de negar sua própria cor procurando encontrar meios de serem aceitos e de possuírem chance de melhor futuro.

Portanto, no que diz respeito a identidade, é preciso uma conscientização do passado, mesmo não acreditando em essência identitária, como Hall (1994), mas de possibilitar esse aluno construir suas identidades sem negar sua origem ou quem sabe aprender a valorizá-la. Apesar de entender a multiplicidade de identidades ou posições sociais que necessitamos desempenhar no cotidiano serem uma realidade Hall (1994), concordamos com Shwarcz (2000) quando há atualmente uma valorização da diferença, da cultura local também ocasionada pela e nesse sentido, tornar essa história e cultura africana e afro-brasileira aos alunos é fundamental para ajudá-los a olhar com outra visão para o futuro.

6. NOTAS

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba e aluna do curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira na mesma instituição.

² Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba e aluna do curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira na mesma instituição.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção et all. **De Preto a afro-descendente:** trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: EdUFScar, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BURKE, Peter. **O que é historia cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HERNANDEX, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro. 2005.

MENEZES, Waléria. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escolar. **Revista Trabalhos para discussão**. N. 174, agosto, 2002.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Escola Básica**. Magda Becher Soares, Sonia Kramer, Menga Büdke e outras. Campinas, São Paulo: Papiro, 1992 – Coletânea C.B.E..

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SOARES, Suely Galli. **Arquitetura da identidade**: sobre educação, ensino e aprendizagem. 2ª edição. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v.76)

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

STEPHANOU, Maria. Currículos de História: instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. IN: **Revista Brasileira de História**. V. 18, nº 36, 1998, p. 15-38.

ZAMPARONI, Valdemir D. **Os estudos Africanos no Brasil: veredas**. Revista de Educação Pública – Cuiabá. V. 04, nº 5 jan/jun. 1995, p. 105-124.